



Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.110 / MAIO DE 2016

SONORA BRASIL
**A DIVERSIDADE
MUSICAL BRASILEIRA**

CORES DO FUTEBOL
CURTA DISCUTE OS OBSTÁCULOS
DO ESPORTE EM TAIWAN

MÚSICA
CANTORA CÉU HOMENAGEIA
BOB MARLEY EM *CATCH A FIRE*

A Terra da Lua Partida

documentário de Marcos Negrão e André Rangel

5 de junho

domingo, 20h

Foto: Divulgação

Assista online:

sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

índice

DESTAQUES

- 4 Os sons que compõem um povo
- 6 Música para incendiar
- 7 Qualquer história de amor vale a pena?
- 7 Campo dos sonhos

ENTREVISTA

- 8 Livio Tragtenberg:
“Para além da ‘meteorologia da música no cinema’”

ARTIGO

- 12 “A Construção do Som”
por Eduardo Simões dos Santos Mendes

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Sonora Brasil

Foto: Gambhira Photo Art

editorial

Os sons do Brasil

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

A diversidade musical brasileira reflete não apenas as múltiplas heranças de sua formação histórica e cultural. Expõe, sobretudo, a capacidade criativa de protagonistas culturais que assimilam, desconstroem e recombina diferentes ritmos, acordes e harmonias, a partir de referências europeias, africanas e indígenas, ora influenciados pela estrutura musical erudita, ora pelas vertentes religiosas e as tradições populares. São rearranjos improváveis e inimagináveis, que se reconfiguram, construindo a riqueza musical única que se constitui no Brasil.

Há 18 anos, o projeto Sonora Brasil, desenvolvido pelo Departamento Nacional do Sesc, busca valorizar essa multiplicidade musical em espetáculos realizados por todo o País. A partir deste mês, o SescTV exhibe uma série de programas que apresentam oito grupos nacionais, dentro dos temas *Sagrados Mistérios: Vozes do Brasil* e *Sotaques do Fole*. Os programas trazem também entrevistas com os integrantes dos grupos, que falam sobre suas tradições e referências.

Outro destaque musical da programação é a cantora Céu, que homenageia o jamaicano Bob Marley, ao interpretar as canções de seu álbum *Catch a Fire*, em show gravado no Sesc Santo André, em 2014.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o músico e compositor Livio Tragtenberg, que fala sobre a trilha sonora na obra audiovisual. O artigo do professor Eduardo Santos discute a relação entre o som, a música e o cinema. Boa leitura! •

Os sons que compõem um povo

Projeto criado há 18 anos valoriza a diversidade cultural brasileira, ao destacar a pluralidade de grupos, estilos e referências musicais no País



Altar da Comitiva de São Benedito da Marujada de Bragança

A música no Brasil, tal qual a formação de seu próprio povo, se compôs ao longo da história na mistura de elementos culturais europeus, africanos e indígenas. Tambores, chocalhos, instrumentos de sopro e de corda, cantos de trabalho, ladainhas, rituais e danças religiosas e pagãs se misturaram. O resultado dessa fusão cultural, com elementos tão distintos, do colonizador ao escravo e ao

aborígene, trouxe uma variedade de novos ritmos e estilos musicais que contribuíram para a constituição da identidade cultural do País.

O reconhecimento da importância da pesquisa e difusão das expressões musicais relacionadas ao desenvolvimento histórico da música no Brasil levou o Departamento Nacional do Sesc a desenvolver, desde 1998, o projeto Sonora Brasil. Nele, o trabalho

SONORA BRASIL DIFUNDE EXPRESSÕES MUSICAIS IDENTIFICADAS COM O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA MÚSICA NO BRASIL



FOTO: GAMBHIRA PHOTO ART

de artistas populares regionais é difundido por todos os estados do País, através de apresentações que ocorrem não só nas unidades do Sesc, mas também em escolas, terreiros e igrejas, parceiros do projeto, que já contou com cerca de 80 grupos, em mais de 4.900 shows, alcançando cerca de 520 mil espectadores.

Sonora Brasil ganha em 2016 uma edição extra, produzida exclusivamente para televisão, que o

SescTV estreia este mês. Com os temas *Sagrados Mistérios: Vozes do Brasil* – que reúne cânticos de devoção da tradição popular e a arte dos ofícios religiosos da Igreja Católica – e *Sotaques do Fole* – que traz a tradição do acordeão pantaneiro, da sanfona nordestina de oito baixos, da gaita ponto do Sul e o repertório de música de concerto e de vertentes populares urbanas – o programa conta com a participação de oito grupos. São eles: *Caixeiras do Divino* (Maranhão), *Comitiva de São Benedito da Marujada de Bragança* (Pará), *Quarteto Colonial* (Rio de Janeiro), *Banda de Congo Panela de Barro* (Espírito Santo), *Truvinca e Grupo* (Pernambuco), *Dino Rocha e Grupo* (Mato Grosso), *Gilberto Monteiro e Grupo* (Rio Grande do Sul), e *Duo Ferragutti /Kramer* (São Paulo).

No episódio de estreia, *Caixeiras do Divino*, cinco mulheres entoam cantos e revelam particularidades da Festa do Divino Espírito Santo, em São Luiz, e sua conexão com a tradição afro-brasileira do tambor de mina. “Quando Dom Pedro veio ao Brasil, pediu que fosse realizada uma Festa do Divino no palácio para recebê-lo. Vestiram as crianças, prepararam as mesas para a comida e a missa. As caixeiras começaram a cantar e fazer cortejos”, explica Zezé de Iemanjá. Durante o Brasil Colonial, elementos africanos também foram incorporados pelos escravos à festa. Hoje, na capital nordestina, ela acontece simultaneamente nos terreiros de Umbanda e Candomblé.

Comitiva de São Benedito da Marujada de Bragança leva ao ar, ainda neste mês, um grupo de foliões paraenses. “Comitiva de Santo é um termo usado para denominar as pessoas que levam o santo na casa dos devotos, no ato de pagamento de promessas. Uma caminhada que dura nove meses”, explica Júnior Soares. Durante essa peregrinação com a imagem da São Benedito, o cortejo canta folias, reza ladainhas e visita casas de promesseiros em grande parte da região nordeste do Pará, chegando até cidades do Maranhão. ●



CAIXEIRAS DO DIVINO
DIA 21, 19H30

Direção: Romi Atarashi
Classificação indicativa: Livre.



COMITIVA DE SÃO BENEDITO DA MARUJADA DE BRAGANÇA
DIA 28, 19H30

Direção: Romi Atarashi
Classificação indicativa: Livre.



Veja o trailer do programa:





FOTO: DIVULGAÇÃO

Música para incendiar

Cantora Céu homenageia Bob Marley e sua banda *The Wailers* em um show especial que revisita clássicos do reggae do disco *Catch a Fire*

Em 11 de maio de 1981, aos 36 anos, o jamaicano Bob Marley saía de cena e deixava um importante legado musical que o consolidou como o principal expoente do reggae. Em suas músicas, condenava desigualdades, preconceito racial, defendia a paz mundial, pregava o amor, a liberdade, a preservação ambiental e o respeito entre as pessoas.

Junto a Bunny Wailer e Peter Tosh, Marley formou em 1962 a banda *The Wailers*, que apresentou ao mundo ritmos como o ska e o reggae. O quinto álbum do grupo, *Catch a Fire*, lançado em 1973, levantou questões políticas e sociais, e foi responsável por sua consagração internacional. “É um disco explosivo, de combate”, comenta a cantora

Céu. A brasileira, que desde pequena ouvia as canções de Marley, homenageou o músico interpretando o repertório desse álbum em vários palcos do País.

Céu confessa que o convite para o projeto aconteceu de forma inesperada. “Fiquei um pouco reticente porque eu sabia da resposta. De repente, eu me vi tendo de estar na frente, sendo mulher, branca, paulistana, representando a Jamaica; era muita coisa.” Entretanto, a resposta positiva do público fez o desafio valer a pena. “Tenho tanto respeito e gosto de verdade que mergulhei, estudei e fiz com carinho”, explica. O show *Céu em Catch a Fire*, gravado no Sesc Santo André em 2014, é destaque neste mês no SescTV. ●



**CÉU EM
CATCH A FIRE
DIA 18, 22H**

**Direção para TV:
Daniel Pereira.
Classificação: Livre.**

FOTO: STEPHANIE SARAMAGO



Qualquer história de amor vale a pena?

DIA 30, 21H. Super Libris. Direção: José Roberto Torero. Classificação: Livre.

“São poucas as histórias que não têm (em seu enredo) uma história de amor”. Para a escritora e jornalista Carola Saavedra, o amor norteia até mesmo narrativas de guerra, onde esse sentimento, ou a falta dele, é sempre colocado em questão. Nascida no Chile, em 1973, Carola mudou-se para o Brasil aos três anos de idade. Hoje, é uma das revelações da literatura brasileira, tendo sido indicada ao Prêmio Jabuti e vencido o Prêmio APCA de melhor romance, em 2008, por *Flores azuis*, e o Prêmio Rachel de Queiroz, na categoria jovem autor, por *Paisagem com dromedário*, em 2010. Com um livro de contos e quatro romances no currículo, Carola acredita que, para que uma narrativa seja considerada uma história de amor, ela precisa conter elementos doentios, pois “o que torna essas histórias interessantes, e interessantes para a literatura, é justamente o aspecto doentio delas, porque o amor resolvido, feliz e bacana é chato. Ninguém se interessa por isso”. ●

FOTO: DIVULGAÇÃO



Em busca do campo dos sonhos

DIA 19, 21H. Cores do Futebol. Direção: Lai Chun-Yu. Classificação: Livre.

Em Taiwan não há campos de futebol, mas muitos garotos sonham em se tornar jogadores. O estádio Zhongshan, único construído na ilha da República da China, foi transformado em 2010 em um centro de exposições. “Não temos um ambiente muito receptivo ao futebol aqui em Taiwan. Não temos times profissionais que possam incentivar talentos locais”, comenta Andy Chen, técnico certificado pela FIFA e ex-jogador do *Flying Camels*, principal equipe da Liga Nacional de Futebol de Taiwan, extinta nos anos 1990. Hoje, para muitos jovens taiwaneses, a solução é treinar na Europa, enquanto esperam que o esporte seja valorizado em seu país. Caso de Elwin, que se mudou para a Espanha aos 14 anos. Para seu pai, “na Espanha, eles treinam as crianças para serem jogadores profissionais”. Este é o tema do curta-metragem *Campo dos Sonhos*, que integra o projeto Cores do Futebol, uma realização da TAL – Televisão América Latina - que envolveu 30 canais de 20 países ao redor do mundo. ●

LIVIO TRAGTENBERG. MÚSICO E COMPOSITOR.

Artista fala sobre a importância do som em uma obra audiovisual

Para além da “meteorologia da música no cinema”



Livio Tragtenberg nunca estudou música em uma escola. Autodidata, brinca que estudou com os melhores: os livros, as partituras e os discos. Na adolescência, começou a praticar, por conta própria, piano e saxofone. O acaso levou o músico ao cinema, quando o chamaram para tocar piano na gravação de um curta-metragem, e logo começou a propor alterações na trilha. Sua intervenção foi tão positiva que o fez entrar de vez para o ramo. Hoje, compõe música para teatro, cinema, dança, instalações sonoras e óperas. Foi professor, escreveu livros, gravou discos, fez apresentações no Brasil e no exterior. Criou a Orquestra de Músicos das Ruas de São Paulo, a *Nervous City Orchestra*, em Miami, e a *Blind Sound Orchestra*, com músicos cegos que dão ritmo a filmes mudos.

Você começou a compor música para cinema no início dos anos 1990. Como era visto esse trabalho naquela época?

Muitos diretores acreditavam que cabia à trilha sonora apenas tapar buracos, cobrir problemas de montagem do roteiro ou de interpretação dos atores. Por isso, era comum ver filmes com muita música. Quando Tata Amaral convidou a mim e a Wilson Sukorski para trabalhar em *Um Céu de Estrelas*, tivemos a liberdade de compor uma trilha além da “meteorologia musical”, pois um dos grandes pecados do cinema nacional é achar que a função da trilha sonora em um filme é apenas “criar climas”. Discutimos bastante com a Tata e com o Eduardo Santos Mendes, que fazia o som do longa. Então pudemos trabalhar, pela primeira vez,

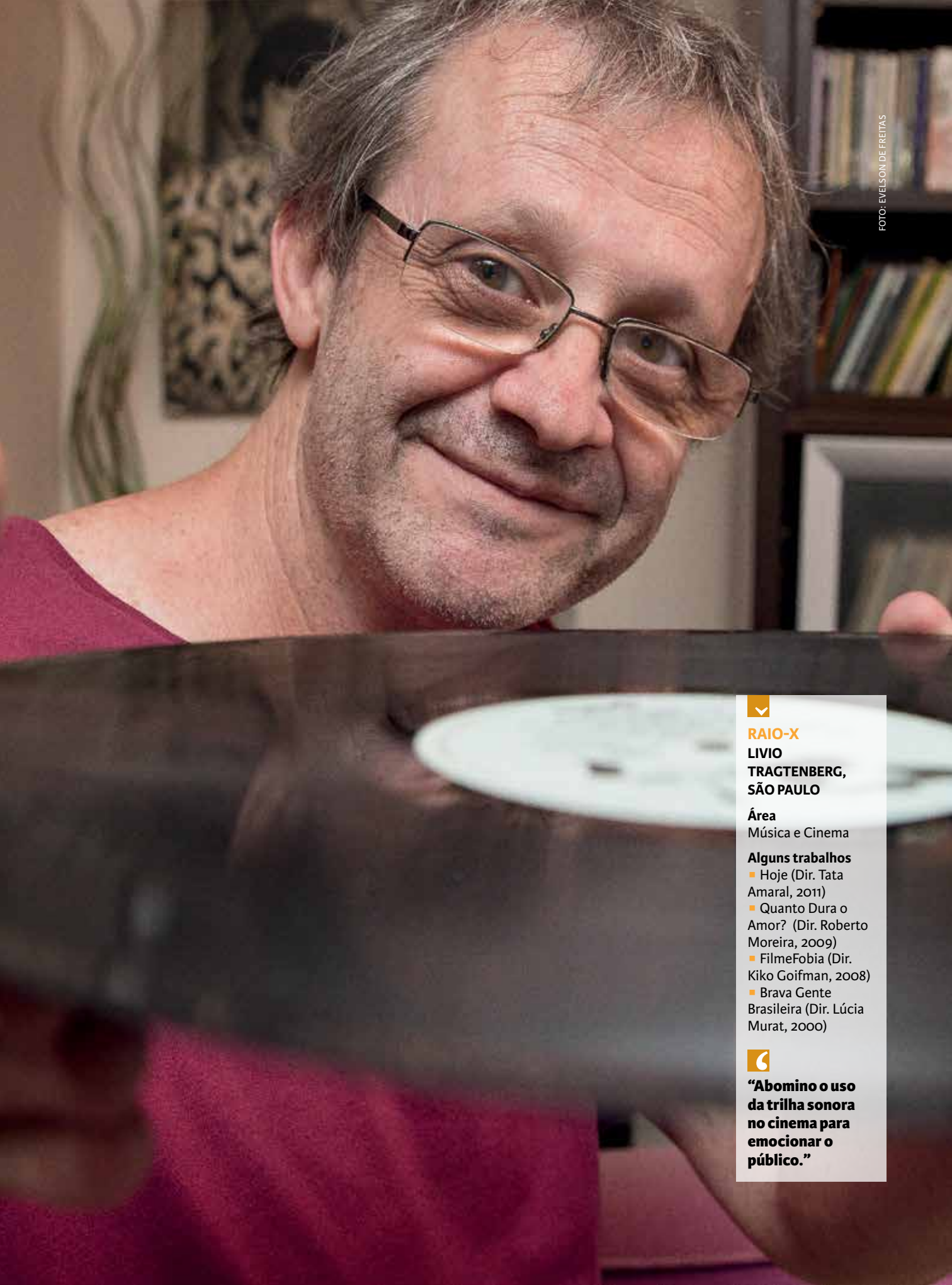
som e trilha sonora juntos. Até aquele momento, o diálogo entre ambos era apenas teórico, na prática ele não acontecia: os filmes ficavam prontos, o som já estava praticamente montado e a trilha sonora era adicionada por último. Para mim, é essencial discutir sobre a trilha na fase de roteiro. Com a Tata foi assim também nos filmes *Através da Janela e Hoje*.

Qual a importância da música em um filme?

No cinema, a música é um importante elemento narrativo. Não basta enfatizar o que os olhos já veem, pelo contrário. Hitchcock sacou isso muito bem. A trilha sonora vem acrescentar o que o texto não pode dizer, o que a imagem não pode dizer, e que só o som pode dizer. Ela tem um espaço específico. Peter Brooke, que trabalha com teatro e cinema, tem um conceito que acho perfeito sobre a ideia da completude. Nas encenações, o texto não diz tudo, o figurino não diz tudo, a luz não diz tudo, o som não diz tudo. É uma coisa que vai se compondo no espectador. Isso tudo evita o grau de obviedade da trilha sonora. O cineasta Alberto Cavalcante dizia que a capacidade narrativa do ruído é enorme. Porque o ruído mexe com referências concretas do espectador. Cavalcante ainda fala sobre o uso errado da trilha sonora, que é quando $1 + 1 = 1$. Ou seja, o som tem de acrescentar algo na obra, senão, além de ser inútil, ele pode tirar o foco principal do filme.

É possível notar essa preocupação com o som e com a trilha sonora nas produções atuais?

Tenho visto alguns filmes e percebo que o eixo >>>



RAIO-X
LIVRO
TRAGTENBERG,
SÃO PAULO

Área
Música e Cinema

Alguns trabalhos

- Hoje (Dir. Tata Amaral, 2011)
- Quanto Dura o Amor? (Dir. Roberto Moreira, 2009)
- FilmeFobia (Dir. Kiko Goifman, 2008)
- Brava Gente Brasileira (Dir. Lúcia Murat, 2000)



“Abomino o uso da trilha sonora no cinema para emocionar o público.”



“Um dos grandes pecados do cinema nacional é achar que a função da trilha sonora em um filme é apenas criar climas.”

“No cinema, a música é um importante elemento narrativo. Não basta enfatizar o que os olhos já veem, pelo contrário.”

»»

está mudando um pouco. A trilha sonora não vem mais no ápice da cena; ela vem, prepara o território e sai de cena. Hoje, temos uma capacidade fantástica de edição de som. Com novos sistemas, o detalhe de mixagem que você pode ter é maravilhoso. Então, no contexto de um filme, a questão espacial do som ficou mais importante e, às vezes, ela emociona mais. É a coisa da imersão, de botar o espectador dentro daquele espaço, ao invés de mantê-lo numa sala de concerto, em que, entre ele e a cena, há uma orquestra inteira tocando, como uma parede sonora. Abomino o uso da trilha sonora no cinema para emocionar o público. Esse tipo de curva dramática, que é uma coisa muito antiga, é usado para manipular o espectador. Cinema é mais do que isso. Essa manipulação reduz muito a interação do público com a obra.

O silêncio é tão importante quanto o som em uma obra?

O silêncio faz parte da trilha sonora. Mas, para que ele seja narrativo, ele tem de ser construído. É difícil. Nos últimos 20 anos, a edição de som ganhou espaço no cinema. Às vezes, uma emoção é transmitida ao público através de um ruído de porta, do som do ambiente. Com maior espaço para os elementos abstratos em um filme, o editor de som ganhou mais importância narrativa que o compositor. Isso é muito interessante, porque é acompanhado pela evolução da tecnologia. A “artesanaria” da edição de som chegou a tal sofisticação que o editor tem que conhecer sobre música, porque faz música com aquilo. Os papéis se inverteram. No passado, eu, como músico, fui estudar edição, aprender sobre ruído. Hoje,

os editores começaram a aprender linguagem musical. Perceberam que, embora tivessem as ferramentas, precisavam de elementos na construção da linguagem.

Como é composta uma trilha sonora?

Cada diretor entende a função do som e da música à sua maneira. Isso se reflete na condução da composição da trilha, que vai de acordo com o pedido do diretor. As pessoas com quem tenho trabalhado nos últimos 30 anos são pessoas que se identificam com meu tipo de música e processo criativo. Hoje, temos acesso aos materiais de imagem ainda nas fases iniciais de gravação de um filme. É tudo muito rápido. O diretor filma durante o dia, à noite já está editando, e você recebe um pequeno *preview* disso por email. É um ganho de linguagem, porque um pode conversar com o outro durante o processo de criação.

Quais são suas referências na hora de compor uma trilha?

Minha maior referência, sem dúvida, é Stanley Kubrik. A forma como ele usava a trilha em suas obras e a relacionava com o roteiro é, para mim, o ponto alto da dramaturgia sonora no cinema. Ele trabalhava o som e o silêncio de maneira primorosa. Exemplo disso é a cena em que o osso voa em silêncio, no filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Aquele silêncio foi construído. Há também aí a questão do tempo, da temporalidade, que o filósofo Henri Bergson estudou bastante, no século XX, o tempo construído, o tempo subjetivo e o tempo do telespectador. O tempo que se constrói na cabeça do telespectador.



LIVIO TRAGTENBERG EM TRÊS MOMENTOS



■ *Um Céu de Estrelas*, de Tata Amaral (1996)



■ *Filmefobia*, de Kiko Goifman (2008)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Quanto Dura o Amor?*, de Roberto Moreira (2009)

Existe diferença na composição de uma trilha para o teatro, a dança e o cinema?

O processo de criação é diferente porque a relação de tempo e de intensidade narrativa é diferente. Na Alemanha, trabalho muito com dança e com a ideia de não usar melodia. Deixo que os movimentos dos dançarinos preencham esse tempo. Crio só a harmonia. Essa ideia de incompletude é muito interessante de trabalhar. Não trabalho com ritmos muito certinhos, deixo sempre a rítmica variar um pouco, até chegar ao limite, porque nem os movimentos de um bailarino são sempre certos. Isso é a humanização do ritmo. Busco estratégias com o teatro e a dança, na hora da composição musical, que fazem sentido para aquele formato e aquela percepção, na qual a pessoa vai sentar, receber o material e se relacionar com aquilo naquele espaço de tempo. Diferente de uma instalação, em que você pode entrar, sair e voltar. A relação de atenção é completamente outra. A diferença é basicamente você trabalhar a relação com os diferentes elementos e o espectador.

Toda imagem tem um som, ou todo o som tem uma imagem?

Se eu te responder de uma forma sã, não. Mas é curioso porque, quando lancei meu primeiro LP instrumental, em 1980, as pessoas diziam que viam imagens na música. Eu nem pensava nisso. Mas comecei a me perguntar o que detonava essa ação de ver uma imagem na música. É um mistério de linguagem, um tipo de tradução que a pessoa faz da música e que varia em cada um. Quero manter esse mistério para mim.

Como é o mercado para compositores de trilhas sonoras no Brasil?

Hoje, há pelo menos dez vezes mais pessoas nesse mercado que há 20 anos. A tecnologia digital nos deu ferramentas, trouxe quantidade e qualidade, mas uma qualidade mais mercadológica do que criativa. Se, por um lado, há pessoas fazendo coisas incríveis, por outro, houve um aumento de compositores e produtores com pouca qualificação. A tecnologia também te leva a não ter tempo para uma coisa essencial, que é a formação dos sentidos - ouvir, ver, mexer. Como a produção e o consumo são muito rápidos, você dedica muito tempo à produção, e pouco à criação. ●

A construção do som

Eduardo Simões dos Santos Mendes é mestre em Ciências da Comunicação, doutor em Artes e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

por Eduardo Simões dos Santos Mendes foto Visualhunt

Ao assistir uma obra audiovisual, seja no cinema, pelos canais de televisão ou pela internet, a maioria dos espectadores tem a impressão de que todos os sons presentes foram gravados no momento em que a imagem estava sendo captada. Talvez nem todos. Afinal, existe uma música que vem de lugar nenhum e, com certeza, não foi executada na hora da filmagem. Na verdade, o processo de construção dessa trilha sonora é tão intenso e criativo como todas as etapas da realização audiovisual. Importante: quando me refiro à trilha sonora, quero dizer todo o universo aural apresentado, ou seja, as vozes, as músicas e os ruídos que compõem a obra. Quando estamos apenas no universo da música, utilizamos o termo trilha musical.

O som gravado simultaneamente com a imagem está longe de conter apenas as vozes e os eventuais ruídos. O som direto, como chamamos o som captado nesse momento,

contém informações insubstituíveis da interpretação dos atores e a reverberação de suas vozes pelo espaço onde a cena é gravada, construindo uma imagem tridimensional dos sons que envolvem esses espaços. Todos os outros elementos ouvidos num filme, como os sons ambientes e outros efeitos sonoros, são acrescentados numa segunda etapa, a finalização. E a escolha desses novos elementos dependerá de decisões narrativas e da proposta estética da obra.

Da mesma forma que o diretor de fotografia traduz em luz a proposta do filme e o diretor de arte, em formas e cores, existe um profissional encarregado de transformar a proposta do filme em sons: o sound designer. Idealmente, sua participação se inicia antes da filmagem, nas primeiras reuniões de criação a partir da leitura do roteiro e termina após a mixagem da trilha sonora. O sound designer, termo consagrado a partir dos anos 1970, possui conhecimentos que

vão além da técnica de gravação e reprodução sonora. Psicoacústica, narrativa, teoria musical e a relação dinâmica entre imagens e sons fazem parte de sua formação.

Esse jogo entre o que se vê e o que se ouve num filme começa a se formar no fim dos anos 1920, quando a reprodução tecnológica do som cinematográfico se torna um fato comercial. A partir desse evento, a percepção que os espectadores têm dos filmes se transforma por completo. Nos filmes silenciosos, grande parte do processo de criação do universo sonoro partia da imaginação do próprio espectador. As vozes das personagens, os ruídos mostrados na tela ou aqueles que compõem o ambiente onde se passa a ação se formavam a partir das referências de cada um. Era uma participação ativa e singular. Com a materialidade da reprodução do mesmo áudio que será ouvido por todos, a independência do espectador desaparece e em seu lugar surgem novos vínculos entre imagem e som.

Cabe ao som levar a sensação da continuidade tempo/espaço diante de uma imagem. É a escuta dos sons contínuos do ambiente, como pássaros, ventos ou crianças brincando ao longe, que faz com que uma sequência de imagem que varia entre planos de diferentes dimensões, com diferentes ângulos, não pareça descontínua. Outros desses vínculos o pesquisador Michel Chion definiu como contrato audiovisual. A partir do momento em que imagem e som são apreendidos simultaneamente, ambos perdem seu valor de origem. Nunca mais veremos um objeto da mesma forma quando o ouvimos; e nunca ouviremos da mesma forma quando o vemos. Um terceiro

valor indissociável se cria a partir dessa união.

Levando a ideia de Chion ainda mais adiante, o som irá dizer ao espectador como ler a imagem. É pela associação audiovisual que se interpreta a imagem como verossimilhante ou se retira dela essa característica. O som pode definir força ou fragilidade de um personagem ou um objeto. Pensemos num personagem que seja um homem grande e forte. Ao falar, sua voz pode ser potente e grave ou fina e esganiçada. A forma como veremos e ouviremos esse personagem irá definir muito de sua personalidade.

Há outras características da trilha sonora na relação audiovisual que foram estabelecidas com o passar dos anos. Uma dessas características foi expandir o uso de sons ambientes para além da continuidade tempo/espaço já apresentada. Pelos timbres dos sons escolhidos na sua composição e pelo ritmo que seus elementos apresentam, essa sonoridade costumeiramente relegada a um segundo plano de escuta e quase imperceptível ao espectador pode conduzir a percepção da imagem, acelerando ou retardando sua leitura, gerando sensações de amplitude ou confinamento, criando tensão ou relaxamento.

Há muito mais na trilha sonora do que o áudio gravado na filmagem e a música criada a posteriori, e cabe ao sound designer criar uma paleta de sons que mais se adequem à estética proposta e conduzam o espectador cada vez mais para dentro da narrativa. Seu grande parceiro é o autor da trilha musical. Juntos com o realizador, irão traçar a dinâmica da trilha sonora ao longo da obra para que todos os seus elementos soem como um uno contínuo, mas isso já é papo para uma outra conversa. •



dia 18, 22h

PAUL GALBRAITH. Direção: Flavio N. Rodrigues. Classificação: Livre.

O violonista Paul Galbraith interpreta peças de Mozart e Bach em episódio da série Movimento Violão. O músico é considerado revolucionário por adaptar seu instrumento de cordas para executar repertórios de piano.



dia 31, 17h30

MACHADO DE ASSIS, POR LYGIA FAGUNDES TELLES

Direção para TV: Albert Klinkle.
Classificação: Livre.

A premiada escritora Lygia Fagundes Telles explica a obra de Machado de Assis, na série Tertúlia. De acordo com ela, Machado tinha a vocação para as palavras escritas: “essa era sua verdadeira paixão”. Inteligente, Machado lia e escrevia muito, e por isso foi capaz de criar uma obra tão enigmática quanto *Dom Casmurro*. Para a escritora, Machado conseguiu desvendar o ser humano através da realidade do século XIX. “Ele entrou com tudo na realidade brasileira”, comenta Lygia.

dia 19, 21h30

DESTALADEIRAS DE FUMO

Direção: Belisario Franca.
Classificação: Livre.

A série Coleções exhibe, neste mês, os cantos de trabalho de diferentes regiões do país. Como as destaladeiras de fumo de Arapiraca, no Estado de Alagoas, que se tornaram conhecidas por entoar seus cantos enquanto realizam seu ofício. Para a pesquisadora do assunto Renata Mattar, com os cantos, elas transformam o trabalho em uma grande festa, em um ritual.



FOTO: PIU DIP



dia 14,
22h

PROJETO RUMORES

Direção para TV: Max Alvim. Classificação: Livre.

Grande coletivo com improvisação intensamente livre nas guitarras, na ausência completa de melodias, no uso de ruídos, nos efeitos eletrônicos, o Projeto Rumores apresenta suas composições, em show gravado em 2014, no Sesc Pompeia, no Festival Jazz na Fábrica. Partindo da improvisação, alunos e professores da USP trabalham com uma espécie de conversa através dos sons.

dia 22, 20h

FAMÍLIA: MATERNIDADE E PATERNIDADE

Direção: Esmir Filho. Classificação: 10 anos. O professor de Filosofia Vladimir Safatle e a psicóloga Simone Paulon discutem a maternidade, a paternidade e seus conceitos no episódio da série Filosofia Pop, com apresentação de Marcia Tiburi. Para Safatle, o conceito de família é muito amplo e não cabe ao Estado defini-lo, mas caberia registrar e reconhecer os variados conceitos de família que a sociedade produz.



FOTO: ALEX RIBEIRO/VISOR MÁGICO

Sesc 70 anos

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

Adriana Reis e João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio

Sesc tv

DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sesc.tv/org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sesc.tv/org.br



/sesc tv



9 770016 760328

Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sesc.tv

Leia as edições anteriores em: sesc.tv/org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



em junho

Circo é Circo

Direção: Daniela Cucchiarelli

documentário sobre o
CIRCOS - Festival Internacional Sesc de Circo de 2015



Foto: Cida Moreira; Anderson Barreto

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV